

## **História, memória e nostalgia na comemoração dos 40 anos do jornal Tribuna de Minas<sup>1</sup>**

Marise Baesso TRISTÃO<sup>2</sup>  
Doutora em Comunicação

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG e Centro Universitário  
Academia (UniAcademia, Juiz de Fora, MG)

### **Resumo**

Esse artigo busca mostrar, através da Análise de Conteúdo, como, em meio à crise do jornalismo impresso, um jornal pretende se mostrar ao público durante as comemorações de seus 40 anos. Para isso, será analisado o primeiro encarte especial impresso da “Tribuna de Minas” em comemoração à efeméride. Questões como o valor-notícia do tempo, a representação, os silenciamentos e as lembranças ao longo da história serão tratadas. A análise vai revelar a existência de uma nostalgia pelo passado de “glória” do veículo presente nos enquadramentos e nas fontes ouvidas. Mas esta nostalgia se faz presente ao mesmo tempo em que se quer aliar a imagem do periódico à modernidade, à referência e ao pioneirismo, que são reafirmados como ainda existentes, mas agora em seu site.

**Palavras-chave:** História da Mídia Impressa; Tribuna de Minas; 40 anos; efemérides; memória.

### **Introdução**

Em meio ao debate sobre a crise atual do jornalismo e os questionamentos sobre o futuro dos jornais impressos e as alterações aceleradas no campo do jornalismo, com a convergência midiática da maioria, há veículos que sobrevivem e se mantêm com vendas para assinantes e em bancas no formato em papel. Na grande mídia, o jornal mais vendido do país, a “Folha de S. Paulo”, comemorou seus cem anos em fevereiro de 2021. Outros jornais centenários da grande mídia também mantêm suas edições impressas, como “O Globo”, fundado em 29 de julho de 1925, e o “Estado de S. Paulo”, fundado em 4 de janeiro de 1875. Pelo país afora, veículos deixaram de circular na forma impressa, enquanto outros ainda se mantêm. Em Juiz de Fora, Minas Gerais, o jornal “Tribuna de Minas” completa 40 anos de história em setembro de 2021 e mantém as vendas de sua edição impressa, mesmo tendo o conteúdo aberto e gratuito em um site

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT História da Mídia Impressa, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), pesquisadora associada da UFJF, vice-líder do grupo de pesquisa Comunicação, Cidade e Memória (Comcime) e professora de Jornalismo do UniAcademia email: marisebaesso@hotmail.com

e nas redes sociais. Em tempos de crise, é importante entender como um periódico vai rememorar o seu passado e, principalmente, projetar o seu futuro.

Para marcar a efeméride, o jornal iniciou uma série de reportagens especiais. O primeiro caderno especial “40 anos de história. Do impresso ao digital” foi publicado no dia 4 de abril de 2021. O veículo, cuja edição inicial circulou em 1º de setembro de 1981, irá desenvolver reportagens, entrevistas, lives e minidocumentários para falar de sua história, mantendo assim também a convergência nos produtos comemorativos de suas quatro décadas. Neste artigo, iremos analisar o primeiro especial no formato impresso para entender de que forma esta trajetória de quatro décadas é lembrada.

Antes iremos fazer uma breve trajetória do jornalismo. Para nosso estudo, importa a questão dos valores-notícia, da representação e dos sentidos dados à realidade, essenciais, por exemplo, na reconstrução de décadas de história de um veículo. Em um momento de acomodação do jornalismo e dos veículos de comunicação, como a “Tribuna de Minas” vai lembrar sua história e seu espaço como agente de informação e cidadania? Para isso usaremos a Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin, como metodologia. Nesta análise, há três etapas: a) pré-análise, na qual é feita a escolha do objeto, por meio de leitura flutuante introdutória dos documentos; b) exploração do material; e c) tratamento dos resultados obtidos para interpretação.

Iremos questionar qual será o papel da memória desta narrativa jornalística, não centrada no presente do jornalismo, que vive hoje uma crise nas plataformas tradicionais? Como se dá a retomada dos fatos de outros momentos históricos que passam a ser ressignificados ao serem lembrados em uma efeméride. Enfim, que memórias serão evidenciadas em um momento de crise dos veículos impressos e de tantos questionamentos em relação ao jornalismo tradicional. Tomamos como hipótese o fato de o jornal se considerar essencial na trajetória do município de Juiz de Fora, tendo a sua história confundida com a da própria cidade onde foi originário.

### **As mudanças na imprensa ao longo da história**

A imprensa mundial vive um período de aceleradas mudanças, provocadas principalmente pela internet e pelas redes sociais. Ao longo das últimas décadas, os veículos tradicionais, como jornal, rádio e televisão, precisaram se adequar às tecnologias e passaram a estar presentes nos mais diversos tipos de plataformas, numa

tentativa de atingir todos os públicos e acompanhar as alterações e as potencialidades oferecidas. Sendo assim, há uma convergência midiática,

Palavra que define mudanças tecnológicas, industriais, culturais e sociais no modo como as mídias circulam em nossa cultura. Algumas das ideias comuns expressas por este termo incluem o fluxo de conteúdos através de várias plataformas de mídia, a cooperação entre as múltiplas indústrias midiáticas, a busca de novas estruturas de financiamento das mídias que recaiam sobre os interstícios entre antigas e novas mídias, e o comportamento migratório da audiência, que vai a quase qualquer lugar em busca das experiências [...] que deseja. (JENKINS, 2009, p. 377).

Diante da convergência, há uma mobilidade mais acelerada do público e também das formas de financiamento dos veículos comerciais. Desta maneira, os jornais impressos estão entre os mais afetados e, muitos, deixaram de existir no papel pelo mundo afora, passando a se restringir aos sites. No entanto, no Brasil, os chamados veículos da grande mídia sobrevivem em bancas e com assinantes, e os conglomerados criam uma série de produtos para participar da transformação cultural e atender ao público, que passa, cada vez mais, a ter um papel imprescindível no ciclo da produção da informação.

A “Tribuna de Minas”, nosso objeto de estudo, por exemplo, tem hoje a TMTV<sup>3</sup>, onde apresenta programas específicos com várias temáticas que não estão presentes no impresso, assim como tenta interagir com os leitores nas redes, como Facebook, Instagram e Twitter. Jenkins (2009) lembra que a convergência midiática não é apenas a transposição de conteúdo de um tipo de plataforma para outra, por exemplo do impresso para a Internet. Por muito tempo, como destaca Ferrari (2003), este foi o padrão em vários jornais, como a própria “Tribuna”, quando surgiu em versão on-line.

Estas versões aparecem no Brasil em meados da década de 1990. Ferrari (2003) ressalta que o “Jornal do Brasil”, fundado em 1891, lançou sua página on-line em 1995. Na época, ele apenas transpunha o seu conteúdo veiculado na versão impressa para o mundo virtual. Naturalmente, todos os grandes veículos também migraram para a Internet, mantendo suas versões impressas. Estão entre eles os de maior circulação hoje no país, “Folha de S.Paulo”, “O Estado de S.Paulo” e “O Globo”. Mas, apenas no ano de 1999, o grande público começou a ser alcançado pela Internet. Ferrari (2003) destaca a criação do provedor IG neste ano, um marco da Internet no país. “(...) ao final do

---

<sup>3</sup> <https://tribunademinas.com.br/tm-tv>

primeiro mês, o IG tinha quase oitocentos mil usuários cadastrados e uma média próxima a 1,1 milhão de page views por dia” (FERRARI, 2003, p. 29).

Com todas estas mudanças, principalmente a partir da disseminação das redes sociais, o jornalista passa a não ser o detentor do monopólio da informação e, assim, surgem novos atores, novas competências, novos contratos de comunicação (CHARAUDEAU, 2012) baseados na informação noticiosa.

### **Narrativas e representações: as efemérides como valor-notícia**

Apesar das diversas alterações do jornalismo, muitos valores-notícia persistem, assim como a capacidade de ele não só tratar dos acontecimentos do presente, mas de acionar e mobilizar diversas temporalidades. As relações entre jornalismo e tempo são peculiares. Traquina (2008), ao trabalhar com valores-notícia e critérios de noticiabilidade, ressalta que o “Tempo” é um valor-notícia de seleção dentro dos critérios substantivos, funcionando como um “new peg” ou um gancho.

É a efeméride – o próprio tempo é utilizado como “news peg”, por exemplo os aniversários. Há um ano, há dois anos, há vinte anos isto aconteceu e publica-se hoje uma notícia sobre esse acontecimento porque aconteceu neste mesmo dia há x anos. (TRAQUINA, 2008, p. 81)

No caso das efemérides, além do valor-notícia por ser uma data emblemática, a narrativa jornalística também assume um papel memorialístico. “Nessas situações – que se materializam muitas vezes em edições e cadernos especiais, independentemente do suporte – há um processo de revisita ao passado, mobilizando-o em função das demandas do presente”. (AMORMINO, 2020, p. 2). A autora lembra ainda que, ao realizar cobertura das efemérides, como um aniversário de 40 anos, o jornalismo “parece reafirmar sua posição como lugar contemporâneo de memória. (AMORMINO, 2020, p. 2). As efemérides também são uma maneira de sinalizar “o poder do campo jornalístico de construção da memória social, de participar das disputas que definem aquilo que deve ser lembrado e os modos de acionar esta lembrança” (GOLIN, CAVALCANTI e ROCHA, 2015, p. 1)

O jornal é ainda um agente social que atua diretamente na produção e no compartilhamento dessa memória. No caso do jornal, será uma narrativa especial, “embalada” em um encarte comemorativo. Além disso, o periódico fez retomadas de

sua trajetória de maneira multimídia, com divulgação de lives e minidocumentários divulgados na TMTV, material que não será aqui analisado.

Ao narrar um acontecimento, chamando-o de “especial”, a importância deste feito para a sociedade é reforçada (Amormino, 2020, p.5). Matheus (2014) entende que, além do retorno à agenda midiática, quando se trata de acontecimento comemorativo ou histórico, há uma contribuição para sobreposição de tempos históricos. “Ao evocar os ‘tempos idos’, o jornal não está ‘recuperando o passado’, mas configurando narrativamente vários passados, várias camadas temporais, ainda que apresente esses múltiplos tempos de forma linear” (MATHEUS, 2014, p. 247).

Resende (2018) considera premissa desafiadora a ideia de narrar o mundo, principalmente quando estamos falando das chamadas narrativas “midiáticas”. Para ele as questões relacionadas à disputa de poder e processos de alteridade, envolvendo gênero, raça e lugares de fala, por exemplo, passam a ser debatidas como condições narrativas atreladas ainda à memória, ao tempo, ao espaço e à história.

Sob essa perspectiva, as mídias, de modo geral, e o jornalismo, em particular – já que são também e cada vez mais campos produtores de saberes sobre o mundo – se veem desafiados a ressignificar os seus modos de agir, o que podemos também chamar de “gestos narrativos”. É exatamente por ser possível produzir narrativas outras, vindas de lugares distintos que invariavelmente se misturam, que se torna evidente o fato de que narrar é estar no mundo. (RESENDE, 2018, p. 9)

Ao rememorar o passado quais campos produtores de saber serão reforçados e quais serão silenciados? Ou seja, de que forma a narrativa atual irá se apresentar no mundo de hoje sobre momentos que já não existem mais? O que vem à tona como retórica e estratégia nesta narrativa relativa a uma efeméride?

Lembrar é um exercício que acontece no presente, o que significa que o passado não aconteceu: ele acontece a cada vez que se evoca o que passou. Portanto, é na recuperação – e na narração deste passado, que ele se faz acontecimento e se manifesta de maneira palpável para a sociedade. Esta reconstrução não é lisa, mas se dá num terreno impregnado de disputas, porque a versão que se torna oficial se cristaliza como histórica, numa aproximação intencional com o conceito de verdade. (SANGLARD; SANTA CRUZ; GAGLIARDI, 2020, p. 4)

Ainda em relação à narrativa, Resende lembra que o jornalismo tinha como estratégia apontar a sua “imparcialidade” e “objetividade”, sem discutir ou pensar o

lugar do jornalista. No entanto, “quem narra pode até criar modos, narrativos, para fingir que não está no mundo que narra, mas à luz do cenário midiático contemporâneo, agora sabemos todos, sua presença é incontestável”. (RESENDE, 2018, p. 10) Então, no cenário contemporâneo, o autor defende que o mundo que é desenhado, por meio das narrativas, é “o mundo inventado”, o que não tem nenhuma relação com a ideia de “mentira”. No entanto, as narrativas inventam geografias;

um processo através do qual territórios são produzidos, criados e legitimados. Sejam territórios-corpo, territórios-cidade, territórios-cor, territórios-religião, ou os muitos outros que acessamos nas narrativas que lemos, o que ali se encena e legitima, muitas vezes, é uma geografia do poder. (RESENDE, 2018, p. 10)

Como a realidade é muito múltipla e depende dos vários olhares, é preciso lembrar que, para além dos estereótipos, existem também os binarismos nas narrativas, “Nesse sentido, é contra os binarismos, as estereotípias e os autoritarismos inscritos nessas narrativas que também lutamos quando nos inquietamos e duvidamos acerca dos mundos que nos chegam através dos jornais e dos tantos outros aparatos midiáticos.” (RESENDE, 2018, p. 10).

### **“Tribuna de Minas”**

O jornal “Tribuna de Minas” teve sua primeira edição publicada em 1º de setembro de 1981. O periódico foi fundado pelo empresário de Juiz de Fora Juracy de Azevedo Neves. Em 1983, o jornal passa a ser o principal do município, diante do fechamento do “Diário Mercantil e do “Diário da Tarde”, ambos do grupo dos “Diários Associados”, de Assis Chateaubriand. De acordo com Magella (2019), o jornal torna-se, então, líder de vendas e conquista o mercado local. Desde o início, a vocação para a política aparece muito forte. Quando houve eleições gerais em 1986, que elegeram os governadores dos estados, o diretor-presidente da “Tribuna” toma uma atitude em relação ao candidato juiz-forano Itamar Franco

Colocou o jornal de corpo e alma na campanha de Itamar Franco contra Newton Cardoso, um próspero fazendeiro e prefeito de Contagem, certo de que seria o meio mais curto para chegar a Belo Horizonte e enfrentar os “Diários e Emissoras Associados” em seu território. O primeiro passo foi instalar uma sucursal, com pouco mais de cinco repórteres, que cobriam a eleição, sob o olhar da capital, e, especialmente, a campanha. Itamar estava

na capa praticamente todos os dias. Newton, também, mas de forma negativa. (MAGELLA, 2019, p.118)

Magella (2019, p.119) lembra que o jornal começou a circular nas bancas de Belo Horizonte em 28 de abril de 1987. Em Juiz de Fora, o nome passa a ser “Tribuna da Tarde”. No entanto, a experiência na capital mineira durou apenas até 27 de dezembro de 1989. Em 3 de janeiro do ano seguinte, a “Tribuna de Minas” voltou a circular em sua cidade de origem. De lá para cá, o jornal vivenciou várias mudanças gráficas e iniciou sua cobertura via internet.

Em 2011, ano no qual o jornal completou 30 anos de existência, o site passou por uma grande reformulação, abandonando o modelo antigo de reproduzir o impresso e entrando de vez no jornalismo on-line. O site passou a adotar recursos web e se comprometer com o formato propriamente digital, com formatação de texto, utilização de imagens e vídeos. (FONTANA, 2021, p. 35-36)

Fontana (2021, p. 36) diz que foi neste mesmo ano que o periódico criou sua página no Facebook, onde também passou a divulgar suas notícias. Dois anos antes, já estava no Twitter. Em 2019, na sua última grande modificação, o veículo investe no canal de vídeos TMTV com o apoio de programas de vários colunistas, apostando em tornar-se um veículo forte em multiplataforma.

### **Análise**

O encarte especial da “Tribuna de Minas”, divulgado no dia 4 de abril de 2021 em sua versão impressa, traz oito páginas. Nosso olhar para o caderno será pela Análise de Conteúdo (AC) proposta por Laurence Bardin (1977). Entendemos que este método possui uma abordagem híbrida, que envolve aspectos quantitativos e qualitativos. Iremos observar capa, temas/fatos marcantes, abordagens e fontes/testemunhos.

### **Capa**

A capa tem, em destaque, o título “40 anos de história”, no qual o número é construído com reproduções de várias primeiras páginas de edições antigas do periódico. A temática da política é a predominante no ícone.

Figura 1



Figura 2



**Figura 1:** Reprodução da capa do Caderno Especial dos 40 anos da Tribuna de Minas.

**Figura 2:** Reprodução de Detalhe da imagem com o número 40 formado por capas do jornal ao longo dos 40 anos de publicações

A capa da primeira edição, com o título “Jornal novo nas ideias e objetivos”, é uma das utilizadas no ícone. Foram usadas cerca de 20 capas ou fotografias que perpassam imagens escolhidas para representar estes 40 anos. Além da primeira edição, aparecem em destaque fotografias que revelam autoridades políticas da cidade, do estado e do país que foram escolhidas como representação icônica desta trajetória. Em quatro delas, estão políticos, como o ex-governador de Minas, Francelino Pereira (1979 a 1983) ao lado do empresário Juracy Neves, fundador do jornal. O ex-presidente Itamar Franco (1992-1995) e o ex-governador de Minas Newton Cardoso (1987-1991) também estão juntos com Juracy. Em uma terceira fotografia, o ex-prefeito Francisco Antônio de Mello Reis (administração 1977-1983) aparece inaugurando uma obra ao lado de outros homens e o mesmo político está em carro aberto seguido por uma multidão. Apesar de não haver legenda na foto de 1982, ela se refere ao dia da inauguração do Mergulhão, uma passagem subterrânea sob a linha férrea na Avenida Rio Branco, a principal da cidade. O ex-prefeito Custódio Mattos, que administrou Juiz de Fora de 1993 a 1996 e, depois, de 2009 a 2012, também está em destaque na capa. Embaixo de sua imagem aparece o título “Combate à crise têxtil é primeira meta de Custódio”.

Durante este período, também administraram a cidade os prefeitos Tarcísio Delgado, por três mandatos (1983-1988, 1997-2000, 2001-2004), Carlos Alberto Bejani, por dois mandatos (1999-2004 e 2005 a 2008, quando renunciou, assumindo o

vice-prefeito José Eduardo Araújo (2008) e Margarida Salomão (a partir de janeiro de 2021). Estes administradores, apesar dos longos períodos na chefia da administração municipal, não aparecem nos destaques do ícone que abre o encarte, assim como a atual prefeita, primeira mulher a assumir a administração da cidade em seus 171 anos.

No texto de capa que acompanha o ícone, são lembradas as abordagens que o jornal irá destacar nos materiais comemorativos que serão divulgados até setembro: relação com os leitores, parceria com marcas e empresas locais, as grandes reportagens e coberturas jornalísticas e outras histórias. Não é feita menção específica a fatos ou personagens políticos. Como princípios, o texto destaca: “[...] compromisso com a difusão da informação confiável, isenta e opinião qualificada, norteada pelos princípios da democracia e da liberdade de expressão, buscando contribuir para a cidadania e o desenvolvimento social e econômico de Juiz de Fora e região”.

### **Temas, abordagens e fontes/testemunhos**

Na segunda página do encarte especial, sob o tema “Do papel ao digital”, a abordagem reforça os princípios do número 00, que circulou em 1º de setembro de 1981. Naquela ocasião, “um jornal novo nas ideias e objetivos”. Agora, ao mesmo tempo em que reafirma o passado, o periódico diz que, em seus 40 anos, “continua exercendo sua missão de se reinventar e apresentar diferentes propostas a seus leitores”. Estas propostas não ficam explícitas, mas, em seguida, destaca-se o fato de a “Tribuna” acompanhar o que tinha “de mais moderno no país, adaptando-se às “novas demandas sociais e tecnológicas que surgiram”.

Há uma abordagem com maior foco na forma, na capacidade de produção e na modernidade gráfica do que no conteúdo jornalístico, nas reportagens e na capacidade de interferência política-econômica, o que havia sido destacado no ícone de capa. O jornal aparece como aquele que vai ocupar a lacuna deixada pelos dois jornais anteriores dos “Diários Associados” (“Diário Mercantil” e “Diário da Tarde”), que fecham as portas em 1983. A chegada da “Tribuna” é vista como um feito do empresário Juracy Neves, que havia adquirido um ano antes o controle acionário da Rádio Sociedade de Juiz de Fora, na ocasião Super B-3 e que comprou uma rotativa Goss Community, vinda de Chicago (EUA), além de adquirir a Esdeva Empresa Gráfica com a função de “atender as demandas do jornal”.

Apesar de estarmos no período da ditadura cívico-militar, não há abordagem sobre esta questão histórica. Uma das fontes entrevistadas, Renato Henrique Dias, subeditor geral na fundação do periódico, destaca não a política, mas a proposta do jornal de “novas ideias e objetivos” e de criar “um diário de cultura que não tínhamos na época”. Além de Renato, a outra fonte ouvida é o jornalista Ronaldo Dutra, contratado como editor de notícias nacionais e internacionais, passando a trabalhar desde 6 de julho de 1981, antes de a “Tribuna” ir para as bancas.

Na terceira página, sob o tema “Dar voz ao povo da região: ouvir, sentir e interpretar as suas mais legítimas reivindicações”, o jornal volta a abordar a solenidade de inauguração, ressaltando as palavras proferidas pelo dono: “(...) dar voz ao povo da região: ouvir, sentir e interpretar as suas mais legítimas reivindicações. Conscientizar esse conjunto de comunidades de que a união em torno dos mesmos, e maiores objetivos, pode e deve dar resultados a curto prazo.” O jornal, então, se coloca como aquele que irá ser o conscientizador da população, o “porta-voz”, trazendo respostas e resultados. No entanto, conscientizar e buscar que resultados? A fonte que explica é o jornalista Ronaldo Dutra:

O ideal do Juracy era que a cidade não ficasse sem jornal. Juiz de Fora tinha, além dos Diários, mais alguns jornais, como a Gazeta Comercial, a Folha Mineira, a Folha da Tarde. Eram outros jornais que circulavam também, mas foram fechando aos poucos porque, para justificar o apelido de ‘carioca do brejo’, o juiz-forano tinha muito mais preferência em comprar jornais do Rio. (Caderno Especial Tribuna de Minas, 40 anos de História)

O jornal também é visto como a alternativa para profissionais que perderam seus empregos nos “Diários Associados” e, assim, “foram pessoas que se formaram aqui e não precisaram sair porque tinha um veículo de comunicação que dava suporte a eles”, diz o jornalista Renato Henrique. Desta maneira, o veículo que se apresentava como moderno traz uma fala que denota o “bairrismo” característico das pessoas afeiçãoadas a sua terra. A gratidão ao dono continua: “Graças a ideia do Juracy de criar a Tribuna de Minas, nós conseguimos criar uma nova visão de jornalismo impresso em Juiz de Fora: moderno, bem atualizado, dinâmico e independente.”. Pela primeira vez, a palavra independente aparece para caracterizar o jornalismo do veículo que, na capa, havia destacado a parceria com “empresas e marcas”. O clima nostálgico se mantém com o depoimento do repórter fotográfico Humberto Nicoline, primeiro fotógrafo a ocupar cargos nos jornais locais, que tinha formação universitária em Jornalismo: “Existia na

redação um ar de cooperação, de nascimento de um novo jornal e isso era um combustível para todo mundo ficar unido”.

Na quarta página do encarte, o período histórico em que o jornal foi fundado ganha referência e será rememorado como a “História”, com H maiúsculo, contada pelo jornal. A questão econômica é a primeira a predominar. A manchete do primeiro número chamava atenção para a construção de uma fábrica de bicicletas Monark no terreno que seria destinado anteriormente a um estádio regional. O investimento seria da ordem de US\$ 30 milhões. Nenhum dos dois tornou-se realidade na época.

Se nas páginas iniciais a ditadura cívico-militar é silenciada, nesta a abordagem aparece isoladamente, dentro de um viés específico envolvendo o jornalista Nicoline, preso quando fotografava Amir Haddad, diretor do grupo de teatro “Tá na rua”, que se apresentava em via pública para falar sobre a censura. “Eu estava fotografando ele de uma certa distância, até que um oficial da PM à paisana retirou o megafone da boca dele. Eu fotografei isso, e o oficial me viu”. Nicoline ficou preso na delegacia por algumas horas até entregar o filme. Não há questionamentos e nem informações a respeito de matérias que tenham sido escritas e censuradas posteriormente na história do jornal durante a ditadura. O Movimento das “Diretas Já” é lembrado com uma foto nesta página e com parte de um parágrafo. “Em 29 de fevereiro de 1984, 30 mil juiz-foranos foram à Praça da Estação para pedir as eleições diretas para presidente”.

Nesta mesma matéria, são lembradas questões como a obra do Mergulhão, inaugurada pelo prefeito Mello Reis em 1982, a espera da chegada da fábrica da Mercedes-Benz, em 1999, e a queda do ex-prefeito Alberto Bejani, “que chegou a ser preso – juntamente com outros 13 prefeitos de Minas – na Operação Pasárgada da Polícia Federal (...)”. Sobre estas matérias, o jornal reforça em seu texto: “Foram casos que levaram dias de cobertura e estamparam diversas edições da Tribuna, mas que mostraram o compromisso de prestação de serviço e isenção da notícia.”

Na página seguinte, a quinta do encarte, a década de 1990 é considerada a “era de ouro do impresso”, quando jornais como “Folha de S.Paulo” e “O Globo” chegaram a rodar um milhão de exemplares diários. A fonte desta vez é Marcos Neves, atual diretor de edição do jornal: “Depois do Plano Real, os jornais impressos avançaram muito. O Globo chegou a projetar uma planta para imprimir um milhão de exemplares por dia, e acho que a Tribuna ‘surfou bem essa onda’.

O texto volta a reforçar o slogan de fundação: “um jornal de novas ideias” e fala sobre a aposta nos fascículos, sendo o primeiro o do acervo do Museu Mariano Procópio. Outros encartes e revistas especiais citados são “Juiz de Fora em 2 tempos”, “Parques de Minas”, “Cidades de Minas”. Renato Henrique volta a ser ouvido e destaca: “A Tribuna produziu (fascículos) sobre cidades históricas, imigrantes de Juiz de Fora, diversos aspectos relacionados à cidade e região. Esse foi um trabalho muito legal por causa do ineditismo e da ousadia.”

Ainda nesta página, a abordagem volta a ser a respeito da modernização dos equipamentos gráficos do jornal, que permitiram que as páginas fossem sendo coloridas a partir de 1994. Mais uma frase de Juracy Neves, morto em 22 de dezembro de 2020, aos 88 anos, é destacada. A frase é de 2009, quando a Esdeva importou uma nova rotativa da empresa americana Dauphin Graphic Machines Inc (DGM): “Adquirimos a nova rotativa para acompanharmos as grandes mudanças da tecnologia. Ela oferece alto padrão de qualidade gráfica, com mais cores e recursos de última geração”.

Na sexta página, o conteúdo jornalístico ganha, enfim, destaque, tendo como fonte a jornalista Denise Gonçalves, que assumiu o cargo de editora-executiva em 1997. O diretor Marcos Neves ressalta que ela e outras duas profissionais passaram por um curso oferecido pela Universidade de Navarra e, nesta década de 1990, o jornal passa a ter um novo conceito: “Quando digo que talvez tenha sido a época de ouro da Tribuna é porque foi um momento em que a Tribuna virou adulta. Ela deixou de ser o jornal do Juracy e começou a ser o jornal Tribuna de Minas”. Mais uma vez, a modernidade e o “novo” são o mote do jornal em 10 de dezembro de 1997 antes da mudança gráfica e editorial do jornal: “Novo como o mundo que você quer”.

Pela parte editorial, “a proposta era de um ‘jornalismo cidadão’, com maior fiscalização das políticas públicas e a necessidade de estabelecer um diálogo com os leitores, retratando-os nas páginas do jornal”. Para Denise Gonçalves, a mudança foi muito marcante na área política. “Até então, nós cobríamos a agenda dos políticos (...). Com a reforma, veio o ‘Voto e Cidadania’, que inverteu essa lógica. Nós passamos a pautar os políticos, questionar o que queríamos saber a partir de pesquisas.” A ex-editora executiva lembra, ainda, que “a proposta era trazer o leitor para o centro da discussão”. No entanto, na sua fundação, o jornal já prometera que daria voz ao povo de Juiz de Fora e região, como vimos anteriormente.

As abordagens que variam entre a nostalgia e a modernidade persistem na penúltima página. Ao falar da chegada do computador em toda a redação, o ex-editor, Renato Henrique, volta a tocar nesse contraste:

Tinha aquela coisa legal na redação do barulho da máquina, ainda mais no final da tarde, quando estava todo mundo lá(...) Só sei que, de repente, aqueles aparelhos estranhos começaram a aparecer na redação(...) até que toda a redação foi composta de computadores, já efetivando a modernidade do jornal. (Caderno Especial Tribuna de Minas, 40 anos de História)

A reportagem aponta o ano de 1997 como o da criação do site, e o primeiro editor de internet do jornal, Carlos Pernisa Júnior, ressalta o pioneirismo do jornal: “Eu fiz uma pesquisa no Brasil e me lembro que, dos maiores jornais e jornais de capitais, praticamente todos tinham a versão on-line em 96 e 97, mas a Tribuna foi um dos primeiros jornais de interior a ter essa versão na internet (...)”

O texto acrescenta ainda que, em abril de 2011, o periódico informava que o novo site seria: “moderno, com muito mais conteúdo, dinâmico, interativo e em tempo real, para que você esteja sempre ligado em tudo que se passa em Juiz de Fora e região.” Outra fonte ouvida é Gabriela Gervason, que assumiu o cargo de editora de internet com o novo formato de atualização em tempo real. “(...) esse suporte é o futuro”, disse.

A matéria destaca que uma nova equipe se formou e que a maneira de trabalhar era nova porque os próprios leitores eram diferentes daqueles do jornal impresso. “E quando tinha um acontecimento de cobertura que tinha um apelo maior, nós víamos que, realmente, estávamos sendo referência.” Um episódio é destacado para mostrar a importância do site: a explosão de um paiol da Indústria de Material Bélico do Brasil (Imbel), em agosto de 2016. “A Tribuna foi procurada como referência para saber o que realmente estava acontecendo... (...)”

A última página é dedicada a mostrar o novo perfil do profissional da redação e as visualizações no site, revelando um maior destaque para as apostas virtuais. Um dos primeiros repórteres do site, Guilherme Arêas, ressalta que “não era mais como antes, quando tinha só o impresso (...) o leitor acompanhava a matéria sendo construída ao longo do dia.” O repórter passou a pensar em diferentes conteúdos, desde texto e fotos, a vídeos e outras ferramentas digitais. A matéria destaca o investimento ainda maior no jornalismo multiplataforma em 2019, quando o jornal criou o Departamento de Imagens, responsável por abastecer a TMTV, canal da “Tribuna” no YouTube. Finalmente, na última reportagem, cuja fonte é o editor de internet, Eduardo Valente,

existe a seguinte afirmativa: “Estando em diferentes canais no meio digital – Twitter, Instagram e Facebook – , o novo objetivo tornou-se descobrir a melhor maneira de trabalhar com cada um deles.”

A matéria aponta que o jornal tem um alcance elevado no site, com 12 milhões de visualizações de páginas no site por mês e explica questões técnicas de programação. A interação com o leitor encerra as abordagens. “A Tribuna também conta com dois canais no WhastApp, sendo um para conversar com os leitores e receber sugestões, e outro para deixá-los informados sobre os principais acontecimentos do dia.” A participação do leitor também é destacada pelo editor no que se refere às pautas: “Hoje nós somos muito mais ‘de fora para dentro’”.

### **Considerações finais**

Reafirmar a trajetória de pioneirismo, modernidade e referência do jornal é uma das características centrais do caderno dos 40 anos da “Tribuna”. Em um momento em que o jornalismo enfrenta uma crise sem precedentes no país, o jornal volta a se autoafirmar, mostrando que sempre investiu e continua a investir nas inovações, seja no maquinário gráfico ou na tecnologia virtual, para acompanhar o que de mais novo ocorre nos grandes centros. É possível identificar esta “Tribuna” que serve como referência para este leitor, que fica entre o tradicional e o moderno, como a que tem a cara de sua cidade de origem, Juiz de Fora, que, apesar de estar próxima dos grandes centros, como o Rio de Janeiro, mantém-se provinciana. Isso evidencia-se, em especial, na fala de Renato Henrique, fonte mais ouvida no encarte, e que reforça a importância de a cidade ter um jornal onde os recém-saídos da faculdade possam ser empregados.

As histórias da cidade e do país não aparecem como pano de fundo sólido na construção da memória destes 40 anos. Com exceção do momento inicial que coincide com o da ditadura e com as fotos que compõem o desenho do número 40, onde há os registros de fatos políticos históricos, o jornal rememora a sua história gráfica e as suas “evoluções” e mudanças até chegar ao site. O passado de glória é reafirmado para mostrar sua viabilidade e potência também no presente, onde já existe uma decadência do impresso de maneira geral e uma dificuldade de manutenção das grandes redações.

Entendemos, por fim, que o papel da memória neste caderno, mais do que mostrar a importância do conteúdo do jornal para Juiz de Fora ao narrar a história

cotidiana no desenrolar das décadas, como imaginávamos, foi rememorar a própria “Tribuna”, o quanto ela foi importante para os seus leitores ao criar cadernos especiais, melhorar seu parque gráfico, investir em profissionais e continuar investindo agora em uma outra “Tribuna” para além do impresso.

## Referências

AMORMINO, L. **BH 120 ANOS: temporalidades e memória em narrativas jornalísticas sobre aniversário de cidade.** Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação XIX Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS, 23 a 25 de junho de 2020 [https://www.academia.edu/47750489/BH\\_120\\_ANOS\\_temporalidades\\_e\\_mem%C3%B3ria\\_em\\_narrativas\\_jornal%C3%ADsticas\\_sobre\\_anivers%C3%A1rio\\_de\\_cidade](https://www.academia.edu/47750489/BH_120_ANOS_temporalidades_e_mem%C3%B3ria_em_narrativas_jornal%C3%ADsticas_sobre_anivers%C3%A1rio_de_cidade)  
Acesso em 4 de Maio 2021

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Presses Universitaires de France. Depósito Legal n° 93118/95. Edições 70 Ltda. Lisboa. 1977. ISBN: 972-44-0899-1.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias.** São Paulo: Contexto, 2012.

Caderno Especial Tribuna de Minas. **40 anos de história.** 8 páginas. 4 de abril de 2021.

FERRARI, P. **Jornalismo digital.** São Paulo: Contexto, 2003.

FONTANA, I. **Pandemia na primeira página: uma análise das capas da “Tribuna de Minas” publicadas no ano que não acabou.** Monografia. Jornalismo. UFJF, 2021, 86 p.

GOLIN, Cida; CAVALCANTI, Anna; ROCHA, Julia Correa. **A projeção da cidade nas efemérides jornalísticas: estudo do suplemento Cultura de Zero Hora (2006-2009).** Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 34, p. 623-639, set./dez. 2015.

JENKINS, H. **Cultura da convergência.** São Paulo: Alpeh, 2009.

MAGELLA, P. **O homem da planície.** Vida, obras e ideias de Juracy Neves. Juiz de Fora: Esdeva Indústria Gráfica Ltda. 2019, 216 p.

MATHEUS, Letícia Cantarela. **Comunicação, tempo e história: tecendo o cotidiano em fios jornalísticos.** Rio de Janeiro, Mauad, 2014. 360p

SANGLARD, F. SANTA CRUZ, L., GAGLIARDI, J. **Da comemoração à rememoração: retrotopia nos 55 anos do golpe de 1964 na cobertura da Folha e do Globo.** XXIX Encontro Anual da Compós, UFMS, Campo Grande - MS, 23 a 25 de junho de 2020. [http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos\\_arquivo\\_0V6GTKXNAX0MSY90AMLT\\_3\\_0\\_8244\\_26\\_02\\_2020\\_16\\_17\\_29.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_0V6GTKXNAX0MSY90AMLT_3_0_8244_26_02_2020_16_17_29.pdf). Acesso em 6 de junho, 2021.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística, uma comunidade interpretativa transnacional.** V. 2 2 ed. Florianópolis: Insular, 2008.